

---

# ENUNCIÇÃO

## Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

### Hans Jonas, 1921-1945. O filósofo que declarou guerra

*Hans Jonas, 1921-1945. The philosopher who declared war*

André Stock\*

 <https://orcid.org/0000-0003-1162-4890>

**Resumo:** A palavra portuguesa *Ambiente* provém do latim *Ambiens*, que significa “volta ao redor”, do verbo *Ambire*: *ambi*: “em volta”; mais *ire*: “ir”; – *ambi*, por sua vez, vem do grego *αμφι* (*amfi*), que também exprime a ideia de “ao redor de”, “de ambos os lados”, “numa e noutra parte”; *ambi* nos remete também a antiga palavra latina *ambigo*, “discutir”, “entrar em controvérsia”. Discorrer sobre os **ambientes** em que Hans Jonas viveu, significaria fazer uma volta ao redor de Hans Jonas, uma volta ao redor do espaço, do lugar de seu pensamento e de sua *vida*; uma volta ao redor de sua formação, de suas influências, de sua existência. Nesse sentido, ambicionamos apresentar um conjunto de fatos, evidências e postulados que demonstrem a pertença de Hans Jonas a certos ambientes, em toda a sua ambiguidade e controvérsia.

**Palavras-chave:** Hans Jonas, Ambientes, Antifascismo, História, Existência.

**Abstract:** *The Portuguese word **Ambiente** comes from the Latin **Ambiens**, which means “turn around, from the verb **Ambire**: **ambi**: “around”; more **ire**: “go”; – **ambi**, in turn, comes from the Greek **αμφι** (**amfi**), which also expresses the idea of “around”, “on both sides”, “in and out”; **ambi** also refers us to the old Latin word **ambigo**, “to discuss”, “to enter into controversy”. In this sense, we aim to present a set of facts, evidences and postulates that demonstrate the belonging of Hans Jonas to certain **ambientes** (environments), in all its ambiguity, in its controversy.*

**Keywords:** *Hans Jonas, Environments, Antifascism, History, Existence.*

### Introdução e advertência

Esse artigo é a adaptação de um capítulo de minha tese de doutorado, intitulada “Meia existência, 1921-1945. (Anti)messianismo, Antifascismo, Existencialismo:

---

\* Doutor em Filosofia pela PUC Rio, linha de pesquisa em Filosofia e a Questão Ambiental com a tese intitulada “Meia existência, 1921-1945. (Anti)messianismo, Antifascismo, Existencialismo: ambientes outros na gênese do pensamento de Hans Jonas. É Colecionador de Arte Contemporânea Brasileira desde 2000 ([www.colecaocalmonstock.com](http://www.colecaocalmonstock.com)).

ambientes outros na gênese do pensamento de Hans Jonas”. A tarefa de escrutinar a vida de Jonas para situar o leitor nos primeiros ambientes de seu pensamento – propósito maior da tese – me levou a colocar o seguinte subtítulo, no capítulo da tese: “*prolegômenos para análise dos ambientes do Antifascismo e Existencialismo*”. A ideia era, neste capítulo “histórico-biográfico”, pavimentar uma base para discussões ulteriores, não apenas sobre a antiga questão grega da *teoria vs. práxis*, mas também com a intenção de demonstrar que o pensamento de Jonas fora bastante marcado por suas escolhas políticas – e, principalmente, pelos acontecimentos de sua juventude até 1945.

Posto isto, a maior parte do que segue foi escrito sobre três eixos: 1. sobre o livro *Memórias*<sup>1</sup> (que infelizmente ainda não foi traduzido no Brasil), 2. sobre a pesquisa que fiz dos documentos do *Hans Jonas Archiv* na Alemanha; e 3. sobre a literatura e testemunhos contemporâneos dos anos 20 e 30 (inclusive relatos de alguns filósofos do núcleo de Jonas, como Löwith, Heidegger, Arendt, Bulltman, Jaspers, etc). O objetivo era fornecer um panorama da vida do filósofo desde o ponto de vista da gênese de seu pensamento: sua infância, sua família e seu judaísmo; depois, sua vida como estudante de filosofia nas universidades alemãs, seus tempos subsequentes como exilado, e como intelectual reconhecido; finalmente, Jonas soldado combatente aliado.

### **Ambiente de uma infância abastada**

Hans Jonas nasceu na pequena cidade alemã de Mönchengladbach, em 10 de maio de 1903, no interior de uma família judia burguesa. Sua infância transcorre sem grandes tropeços até a Primeira Guerra Mundial: ela estoura em 1914, quando tinha apenas 11 anos e, segundo seu próprio testemunho, foi um dos *dois* acontecimentos que mais marcaram sua infância. O segundo acontecimento foi o afundamento do Titanic: para Jonas criança, tanto a guerra quanto o naufrágio lhe davam “a impressão geral de que nossa vida era aborrecida”<sup>2</sup>. Entretanto, para o menino Jonas, tudo o que era apaixonante acontecera no passado – e consequência, tudo estava somente à sua disposição nos livros, principalmente aqueles da Antiguidade – com destaque ao livro *As mais belas lendas da Antiguidade Clássica*, de Gustav Schwab – nas palavras do filósofo sua influência mais duradoura. Em 1º de agosto de 1914 estoura a primeira

---

<sup>1</sup> JONAS, H. *Memorias*. Losada: Buenos Aires, 2005. Todas as citações são por mim traduzidas da versão espanhola.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 27.

guerra, e a Antiguidade dá lugar ao tumulto do conflito: a mais vívida recordação de Jonas criança é a passagem incessante dos trens com soldados por Moechengladbach, sua cidade. Mas também a lembrança de soldados em marcha: três deles, de Brandenburg, em passagem pela cidade, pernoitaram na sua casa.

Jonas recorda, então, que seu pai viajou imediatamente a Colônia, para entrevistar-se com as autoridades militares e apresentar ajuda que, de fato, ocorreu: pois 120 teares da fábrica da família passaram a funcionar para a máquina de guerra. Ele lembra também de que a primeira vitória em território belga se dera pela esmagadora superioridade técnica de um canhão até então nunca usado, secretamente construído pela casa Krupp. Leitura sobre a antiguidade, fascínio pela técnica moderna (inclusive a bélica) e uma guerra mundial de quatro anos marcaram sua infância e começo de adolescência.

### **Ambiente da adolescência e do sionismo**

Ao fazer 13 anos, em 1916, em plena guerra, seu Bar-Mitzvah se deu nas sombras da morte do seu irmão primogênito: e na constatação, pelos alemães, que a guerra estava sendo perdida, uma vez que a quantidade de baixas era enorme. Jonas narra também que a fome começava a grassar (tendo relatado inclusive incursões ao campo para tentar “sub-repticiamente conseguir” alguns ovos para combater a desnutrição sua e de seu irmão, que sofreu problemas cutâneos terríveis). A respeito dessa infância e adolescência povoada de lembranças e vivências da guerra, apresentamos o relato de um diálogo entre Jonas e um professor de seu colégio, acontecido já ao final da guerra, e que nos parece especial: o professor, chamado *Ernst Brasse*, tinha o hábito de perguntar, todo começo de aula, se havia algo de novo no cenário da guerra. Quando um aluno relatou o naufrágio de um barco inglês, no canal, torpedeado por alemães, o professor exclamou:

Excelente notícia. Esperamos que tenham se afogado muitos soldados!”. Jonas relata que instintivamente levantou o braço e exclamou “É possível desejar algo assim?” – ao que o professor respondeu “Ah! Não seria cristão, não é mesmo?” sendo a réplica de Jonas: “Quero dizer que não seria humano.”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.52.

Esta cena teria sido, segundo Jonas, um ponto de inflexão. Nesse sentido, é preciso destacar que o adolescente Hans Jonas em formação tinha em ambas as famílias, tanto do lado paterno como do lado materno, inúmeras figuras inspiradoras. Ambas as famílias, Jonas e Horowitz, pertenciam a um alto extrato social, e o surgimento de figuras familiares ilustres – tanto a nível local como nacional, e também no que diz respeito às comunidades judaica e alemã – se tornaram fortes exemplos para seu futuro. Da parte materna, lado mais humanista, podemos destacar, além do seu avô – um rabino polonês muito famoso –, um tio chamado Leo Horowitz, médico gastroenterologista muito respeitado em Düsseldorf e grande estudioso da história – e também das teorias de Einstein (presenteou Jonas na adolescência com *A queda do Império Romano*, de Gibbon); havia também uma tia-avó chamada *Friederike Kempner*, que ficara famosa na Alemanha como poetisa, tendo publicado muitos livros, mas que se notabilizara por ter conseguido, em audiência com o imperador Guilherme I a supressão de uma lei que obrigava o isolamento dos presos na Alemanha. Da parte paterna, seu pai possuía uma grande fábrica de tecidos, assim como um tio seu era também um bem-sucedido fabricante de chapéus na Suíça; um irmão de seu avô, Jonas Benjamin Jonas, foi conselheiro durante anos da cidade de Mönchengladbach, e também recebedor de uma Ordem da Coroa, além de único participante judeu de uma associação católica – feito notável para a época.

Apesar de pertencer a famílias ilustres e de alto extrato social, o que lhe garantia segurança invejável na época, Jonas observava que tal fato não impedia que notasse o preconceito com sua etnia: “O antissemitismo era, em definitivo, uma realidade cotidiana, e estava muito presente – ainda que não assumisse formas veementes tampouco agressivas – como atitude.”<sup>4</sup> Não obstante existirem cerca de trezentas famílias judias em sua cidade natal (cerca de 1200 pessoas segundo Jonas), e que existissem escolas judias – e mais, que alunos judeus pudessem cursar escolas laicas – não existiam manifestações culturais fora da órbita das sinagogas, a não ser no âmbito sionista. Sendo Jonas de uma família judaica importante na comunidade, desde cedo demonstra interesse pelo judaísmo. Aliás, nas *Memórias* afirma que “sempre foi influenciado por suas leituras da tradição judaica”.

Suas primeiras leituras acerca do judaísmo concentraram-se em **duas importantes vertentes**, para que ele – segundo o próprio relato – se reunisse com o seu

---

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.64.

*próprio* judaísmo. A primeira vertente foi a dos Profetas – lidos, segundo Jonas, “sobre o prisma da moderna investigação historiográfica”<sup>5</sup>; segunda vertente foram os escritos do que se considerava então como o moderno judaísmo: aquele de Martin Buber. Esse judaísmo moderno o levou também ao sionismo, pois dialogava com a situação da época, em que um antissemitismo virulento já se mostrava em vários ambientes: a queda do Império Alemão, o ambiente da derrota da I Grande Guerra, a implementação da República de Weimar e, finalmente, na ascensão das milícias hitleristas: já muito jovem Jonas percebe que o antissemitismo, crescente e irrefreável na Alemanha, tornara-se o bode expiatório para todas *débauches* do país. Em sua consciência, se desenvolveu fortemente uma noção de não pertencimento como cidadão alemão de credo judeu. Não se considerava, enfim, assimilado.

Jonas relembra também da importância de Kant, com sua *Fundamentação da metafísica dos costumes*, afirmando que ele próprio também faz parte daqueles judeus que enxergaram na filosofia prática de Kant um espírito bíblico. Diz o filósofo em uma passagem das *Memórias* que “não cabe dúvida de que o imperativo categórico e a voz do Sinai estão relacionadas de algum modo. Em qualquer caso, percebia algum tipo de parentesco”.<sup>6</sup> Jonas chega a citar a passagem kantiana que mais o inspirou: justamente a do início da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*: “Não há absolutamente nada no mundo, tampouco fora dele, que possamos pensar como bom sem restrição, com exceção única de uma vontade santa”.

A respeito do caminho no sionismo, após longas brigas com seu pai (que era Presidente da *Associação Central de Cidadãos Alemães de Credo Judeu*, que reunia duas cidades além da sua), Jonas teria recomendado a seu pai a leitura de um jornal semanal judaico chamado *CV* – muito popular na Alemanha entre 1922 e 1938 – pois tratava-se de uma constante crônica sobre o antissemitismo emergente no país e de combatê-lo. A chegada, depois desses embates com o pai, de um neurologista sionista na cidade, motivou Jonas a fundar um grupo de discussão do sionismo: “*Quando começou a despertar em mim o sionismo, imediatamente tive claro que o verdadeiramente necessário era emigrar para a Palestina*”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Jonas se refere aqui à Escola Histórico-religiosa de Wellhausen, Gunkel e Gressmann.

<sup>6</sup> JONAS, H. *Memórias*, p.73.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.80.

## Ambiente das Universidades Alemãs

Meu pai sempre teve claro desde o princípio: “Hans irá para a Universidade”. Se ia estudar uma carreira com futuro ou não, isso não tinha a menor importância. A empresa sempre renderia o suficiente para manter alguém com uma profissão que não dá dinheiro, como a do filósofo, por exemplo.<sup>8</sup>

Aqui havia, no pai de Jonas, uma antiga tradição judaica segundo a qual o filho mais sábio é o melhor e por ele e seus estudos há que se fazer sacrifícios: donde sua boa vontade e desejo de quanto mais “*pura*” a carreira de seu filho, tanto melhor. É bem provável que, caso Jonas se tornasse um ortodoxo, provavelmente seria um rabino, seguindo a grande tradição do célebre avô materno, o que sempre tornaria a família ilustre. O desejo paterno de uma carreira irretocável chegou ao ponto de seu pai preparar minuciosamente todos os detalhes de sua estadia em Freiburg para estudar justamente com Husserl, a grande estrela da filosofia alemã dos anos 10/20: ao jovem Jonas bastava ali chegar.

De 1921 até 1928, ano do término de seu doutorado, Jonas passa 7 anos na universidade. Os primeiros anos, de 1921 a 1923, ficam divididos entre as Universidades de Freiburg e a prestigiada Universidade de Berlim, atual Humboldt Universität. Seu primeiro contato com a filosofia foi assistir as aulas magistrais de Husserl sobre a História da filosofia moderna, de Descartes à Leibniz. Como recém-chegado, tinha também que frequentar o seminário para principiantes conduzido pelo jovem professor não-titular Martin Heidegger. Ao apresentar-se ao jovem professor Heidegger – que ministrava um seminário sobre o *De anima* de Aristóteles – este lhe perguntou: “*Sabe grego?*”, Jonas respondeu “*Sim*”, ouviu em resposta “*Então não há problema*”<sup>9</sup>. Mais à frente, entretanto, Jonas profere a respeito de sua convivência com Heidegger, palavras ambíguas, que demonstram desconfiança em relação ao antigo mestre:

Tudo aquilo [as classes de Heidegger] superava minha capacidade de compreensão, mas algo atravessava minha alma, isto é, convencia-me que era filosofia viva: meu ouvido endossava as preocupações filosóficas, enquanto minha consciência era testemunha dos resultados da filosofia. Nisso a profundidade do pensamento de Heidegger era extremamente fecunda, e não era possível abrigar em si nem por um segundo a suspeita de que aquilo era mero teatro.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.85.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.88.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 90.

## O ambiente na Berlim colossal

Antes de seguir com Jonas, é preciso algumas palavras sobre Berlim. Isto é, falar sobre o que já era e em que se transformou a capital no período de ascensão do fascismo. Para isto separamos um trecho do livro *Berlim no Tempo de Hitler*, que pode simbolizar em que se transformou essa grande cidade europeia do período pós I Guerra até a ascensão de Hitler:

A vida cotidiana em Berlim numa época em que o próprio cotidiano desaparece, [é uma vida] em que todos são dominados por uma política totalitária, pois esta cidade se transformou no período nazista numa cidade colossal, a capital de um império de mil anos, construções, olimpíadas... Na verdade uma cidade que alterna cabarés, bares elegantes, restaurantes sofisticados, concertos, moda luxuosa, suásticas, bandeiras nazistas, música clássica no rádio... No momento do advento de Hitler [1933], ela tem apenas dois milhões de habitantes...[mas] vai ser transformada em uma metrópole, onde trabalharão 4 milhões de escravos [1944], imigrados da Europa. Berlim será o centro industrial militar do III Reich consagrado ao armamento...<sup>11</sup>

Em Berlim, segundo Jonas, à parte sua amizade com o filósofo Leo Strauss, suas maiores influências berlinense foram Martin Buber e Franz Rosenzweig, ainda que achasse que a tradução da bíblia hebraica para o alemão, organizada por ambos, se tratasse de um lúgubre anacronismo: pois à medida que Buber e Rosenzweig avançavam na tradução, também avançava o antissemitismo; ao fim e ao cabo, quando a obra foi terminada, segundo Jonas, “os judeus-alemães eram quase inexistentes”.

Desta parte de sua vida, qual seja, de sua educação em Berlim, Jonas nos mostra as ambiguidades do judaísmo alemão, em muitos exemplos: desde o fato de sentir-se livre pelo fato dos grupos judaicos na cidade representarem diferentes mundos – o que “reduzia” a sensação de pertencer a uma etnia – até questões mais interessantes, como o fato de relatar, por exemplo, que a massa de judeus exilados do *tzarismo* era ajudado na cidade com um único objetivo: mandá-los para a América, pois representavam um corpo estranho ao judaísmo assimilado alemão (o fato de falarem *Yiddish*, segundo Jonas, era considerado uma distorção da língua alemã); ou mesmo uma ambiguidade mais que anedótica, como a diferença entre os grupos de jovens sionistas: quando em comparação com o seu, formado por jovens estudantes universitários, Jonas observa e relata que um grupo de excursionistas chamado *Blau-Weis* possuía uma hierarquia

---

<sup>11</sup> MARABINI, J. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 9.

interna a qual o jovem estudante de filosofia não se exime de chamar de “inspiração fascista”: “a classe dirigente [do grupo] significava ali quase uma organização de corte fascista, pois o princípio de caudilhagem de Mussolini exercia sobre este movimento juvenil nacional judío e seus fanáticos seguidores uma certa atração”<sup>12</sup>

### **O ambiente literário de Thomas Mann**

Biograficamente, consideramos a memória sobre Thomas Mann de extrema importância. Thomas Mann fazia parte do minúsculo ambiente daqueles que desde muito cedo anteviam um futuro terrível, e foi também um escritor que esteve no centro das preocupações filosóficas e políticas da época – seus “Discursos contra Hitler” são memoráveis. É preciso lembrar que após a publicação de *Os Buddenbrooks* em 1900 – que lhe valeria o Nobel de Literatura em 1929 – seu segundo escrito de grande sucesso fôra seu discurso republicano de 1922 “*Von deutscher Republik*”, em defesa da República de Weimar. Thomas Mann não é apenas um escritor brilhante, mas um grande intelectual e ativista político. E Jonas identifica em Mann um profundo conhecimento da filosofia contemporânea na Alemanha dos anos 20, além, é claro, de exaltar junto com seus colegas de universidade o humanismo que Mann defendia:

Minha época de estudante em Berlim, a parte minhas atividades sionistas e minha carreira, também foi uma fase em que aprendi muito do que acontecia no plano literário e intelectual. Todos nós, membros de meu círculo de amigos sionistas ou do meu círculo filosófico-acadêmico, havíamos lido *A Montanha Mágica* de Thomas Mann; em qualquer circunstância podíamos citar alguma passagem ou fazer alusões que em seguida compreendíamos. Neste livro e em José e seus irmãos há mais do que em toda a escola fenomenológica, incluindo o próprio Husserl! Uma página de Thomas Mann contém análises mais profundas que tratados completos acerca da constituição do mundo objetivo em atos intencionais de consciência.<sup>13</sup>

Tão interessante quanto saberem os jovens colegas de Jonas *de cor* (de coração) passagens deste livro monumental, são as próprias palavras de Thomas Mann, que no nosso entender, mais que influenciaram a vida política e o trabalho posterior de Hans Jonas. Suas palavras foram uma verdadeira inspiração para a vida e para o trabalho posterior de Hans Jonas, por isso a importância de, abaixo, citar passagens importantíssimas dos discursos de *Hans Castorp* em “*A Montanha Mágica*”, que cremos

---

<sup>12</sup> JONAS, H. *Memórias*, p. 103.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.109.

ser embrionárias das atitudes de Jonas e de inspiração fundamental *da filosofia do organismo*. Diz Mann sobre o organismo:

Os volumes eram pesados e difíceis de manejar **[não é possível não lembrar dos livros científicos que Jonas pediu a sua esposa Lore enviasse ao front de guerra]**. Para lê-los, quando deitado, Hans Castorp apoiava a borda inferior sobre o peito ou o estômago. Isso não deixava de ser incômodo, mas ele o suportava pacientemente. De boca entreaberta, fazia os olhos percorrerem as páginas eruditas, que se achavam iluminadas pela claridade vermelha... Hans Castorp realizava investigações profundas; lia, enquanto a lua, a passo comedido, seguia sua órbita sobre o vale alpino, cintilante de cristais; lia livros que tratavam da matéria orgânica, das qualidades do protoplasma, da substância sensível que, entre a composição e a decomposição, se mantém numa estranha existência intermediária, e da evolução de suas formas desenvolvidas a partir de tipos fundamentais, primitivos e todavia sempre presentes; lia com insistente interesse o que os livros diziam sobre a vida e o seu sagrado e impuro mistério .... O que era a vida? Não se sabia. Sem dúvida, bastava ser vida para que tomasse consciência de si mesma, mas ela não sabia o que era. Sem dúvida, enquanto propriedade de reagir a estímulos, a consciência já despertava em certa medida, nas camadas mais baixas e menos adiantadas de seu surgimento, e era impossível fixar em determinado ponto de sua história coletiva ou individual a primeira aparição de fenômenos conscientes, e tampouco se devia fazer a consciência depender, por exemplo, da existência de um sistema nervoso. As formas animais mais inferiores não dispunham de sistema nervoso, e muito menos de cérebro, mas ninguém se atreveria a negar-lhes a capacidade de sentir estímulos. Além disso, podia-se entorpecer a vida, a própria vida, e não somente certos órgãos especiais destinados à recepção de estímulos, que esta porventura criasse, a saber, os nervos. Podia-se suspender temporariamente a irritabilidade de toda substância dotada de vida, no reino vegetal tanto como no reino animal; era possível narcotizar ovos e espermatozoides por meio de clorofórmio, cloral hidratado ou morfina. A consciência de si mesma era, pois, uma simples função da matéria organizada em prol da vida, e sob grande intensificação a função dirigia-se contra seu próprio portador, convertia-se no desejo de pesquisar e explicar o fenômeno que lhe deu origem, na tendência esperançosa e desesperada da vida para conhecer-se a si própria, na autoinvestigação da natureza, que sempre acaba sendo vã, já que a natureza não se pode resolver em conhecimentos nem a vida pode contemplar seus segredos últimos....

O que era a vida? Ninguém sabia. Ninguém conhecia o ponto da natureza de onde ela brotava e onde se acendia. A partir desse ponto, nada havia no âmbito da vida que não estivesse em relação ou vagamente relacionado; mas a relação da própria vida com algo outro parecia não haver. A única coisa que talvez se pudesse afirmar a seu respeito era que a estrutura devia ser de tal modo evoluída que não tinha, nem de longe, igual no mundo inanimado. A distância entre a ameba com seu pseudópode e o animal era insignificante e desprezível em comparação com a que existe entre o fenômeno mais simples da vida e a outra parte da natureza, que nem sequer merecia ser qualificada de morta, uma vez que era inorgânica. Pois a morte não era senão a negação lógica da vida; entre esta, porém, e a natureza inanimada abria-se um abismo por cima do qual a ciência em vão se empenhava por lançar uma ponte.... Mas então, o que era a vida? Era calor, o produto calorífico de uma instabilidade preservadora da forma, uma febre da matéria que acompanhava o processo de incessante decomposição e reconstituição de moléculas de albumina, estas mesmas insubstituíveis, dada a complicação e engenhosidade de sua estrutura. Era o ser daquilo que em realidade não podia ser, daquilo que, a muito custo e mediante um esforço delicioso e aflitivo, consegue chegar, nesse processo complexo e

febril de decadência e renovação, ao equilíbrio no ponto do ser. Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria tal e qual o arco-íris sobre a queda-d'água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco, o impudor da natureza tornada irritável e sensível com respeito a si própria, e a forma lasciva do ser. Era um movimento clandestino, mas perceptível no casto frio do universo, uma secreta e voluptuosa impureza composta de sucção e evacuação, uma exalação excretória de gás carbônico e de substâncias nocivas de procedência e qualidade ignotas...”<sup>14</sup>

E sobre o estatuto do corpo, tão importante na filosofia futura de Jonas, Mann coloca as seguintes palavras na boca de Castorp:

O corpo que então se lhe afigurava, esse ser singular e esse eu vivente, era portanto uma enorme pluralidade de indivíduos que respiravam e se alimentavam, que, em virtude da sua subordinação orgânica e da sua adaptação a uma finalidade especial, tinham perdido sua existência própria, sua liberdade e sua vida independente, haviam se transformado em elementos anatômicos, a tal ponto que a função de alguns se restringia à irritabilidade em face aos estímulos da luz, do som, do tato, do calor, ao passo que outros só sabiam modificar sua forma mediante contração, ou secretar líquidos digestivos, e ainda outros estavam aptos exclusivamente a proteger, sustentar, veicular humores ou servir à procriação. Havia casos em que se afrouxavam os laços dessa pluralidade orgânica, reunida para formar um eu elevado, casos nos quais a multidão de indivíduos não se associava, senão de uma forma superficial, numa unidade de vida superior... Com tudo isso, permanecia inexplicável a obra do protoplasma, e parecia vedado à vida compreender-se a si própria. A maioria dos processos bioquímicos não somente era desconhecida, como também era inerente à sua natureza esquivar-se à compreensão... **Ninguém compreendia o metabolismo, ninguém sabia nada da natureza da função nervosa** [grifo nosso] ... A enfermidade era a forma licenciosa da vida. E a vida por sua vez? Não passava ela, quiçá, de uma doença infecciosa da matéria, assim como aquilo que se podia denominar geração espontânea talvez fosse apenas uma enfermidade, uma excrescência causada por uma irritação do imaterial? O início da marcha para o mal, para a voluptuosidade e para a morte dava-se, sem dúvida, no lugar onde, provocada pelo prurido de uma infiltração desconhecida, realizava-se aquela primeira condensação do espírito, aquela vegetação patologicamente exuberante do seu tecido, mescla de prazer e de repulsa, que constituía a fase mais primitiva do substancial, a transição do imaterial ao material. Eis o que era o pecado original.<sup>15</sup>

Tendo estudado quatro semestres entre Berlim e Freiburg, Jonas tomou a decisão, em 1923, aos 20 anos, de preparar-se para emigrar para a Palestina. Inscreveu-se então num grupo de treinamento que o levou durante oito meses a uma área rural para aprender trabalhos agrícolas, de colheita, de plantio e de pastoreio – e no qual participou de jornadas que começavam ao alvorecer e duravam 14 horas. Segundo Jonas “foi uma época de trabalho muito dura, pois não estava acostumado a este tipo de esforço físico, mas aprendi tudo o que podia. Já podia conduzir o arado de cavalos e traçar um sulco

<sup>14</sup> MANN, T. *A montanha mágica*. São Paulo: Cia das Letras, 2017, pp. 315-318.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 320, 323, 329, respectivamente.

reto”. Em troca disso, tinha um pequeno pagamento, cama e comida. O inusitado era que este trabalho agrícola era voluntário, e *somente os judeus o faziam a troco de nada*, inclusive em propriedades de não judeus, o que os tornava um grupo excêntrico para as populações locais, uma espécie de atração. Após esta experiência, voltou a acompanhar novamente Heidegger em Marburg, para onde este havia sido transferido desde Freiburg. Lá, Jonas conhece Hannah Arendt, com quem trava amizade no seminário sobre o Novo Testamento, de Bultmann: eram os dois os únicos filósofos (e judeus) em um grupo formado majoritariamente de teólogos. Com Bultmann, desenvolve com grande aptidão os estudos sobre o gnosticismo: “Minha obra sobre a Gnose...não foi mais que minha etapa oficial de estudante de doutorado: uma aplicação da filosofia de Heidegger, sobretudo da analítica existencial com seus métodos interpretativos e sua concepção do Dasein humano, a uma matéria histórica concreta, neste caso a Gnose da antiguidade tardia.”<sup>16</sup> Jonas explica sucintamente o motivo deste trabalho doutoral, que entregou para Heidegger em 1928 e no qual recebeu um *summa cum laude*:

No seminário sobre o Novo Testamento de Bultmann decidi preparar um trabalho sobre o conceito de entendimento divino de *gnosis theou* do Evangelho de João, e por meio deste fio fui mergulhando (em parte animado pelo interesse do próprio Bultmann sobre a Gnose) nos fundamentos histórico-religiosos deste universo conceitual. Em consequência, a questão deixou de ser especificamente sobre o Novo Testamento, e o resultado foi um trabalho monstruoso, pelo qual Bultmann ficou tão admirado que me encorajou em convertê-lo no tema de minha tese de doutorado.<sup>17</sup>

Em 1929, depois de feito doutor, Hans Jonas podia se dar ao luxo de passar temporadas em diferentes universidades, com o intuito de estudar e retrabalhar a sua tese: para isso, precisava apenas, como dizia, “*de uma boa biblioteca e um entorno rico em intercâmbios intelectuais*”. Assim, passou temporadas em Paris, Frankfurt, Heidelberg e Colônia, aonde no inverno de 1932/33 pôde assistir o triunfo de Hitler. Foi quando decidiu emigrar para a palestina.

## **O ambiente do exílio**

Quando Hitler foi nomeado, no final de janeiro de 1933, Chanceler da Alemanha, Jonas foi para casa de sua mãe e disse-lhe segundo suas próprias palavras:

---

<sup>16</sup> JONAS, H. *Memorias*, p.126.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 127.

“Graças a Deus. Enfim chegou o momento. Esta é a única maneira de livrar-nos desta peste. Em poucos meses perderão toda a credibilidade. Alguma hora teria que chegar sua hora, e como são verdadeiros dementes, estarão quebrados em pouquíssimo tempo”<sup>18</sup>. Jonas declara que foi somente em 1º de abril, ante o aumento indiscutível e continuado do poder nazi, que teve clara a perspectiva de que durasse quanto durasse aquilo, “nenhum judeu que respeitasse sua honra podia permanecer neste país”. Mas antes de falar sobre sua fuga da Alemanha, convém falarmos um pouco da situação de Hitler a respeito dos judeus na Alemanha Nazista.

Segundo o historiador e especialista suíço Philippe Burrin, seria preciso destacar que Hitler, em seu afã nacionalista – que se traduzia numa ambiciosa política externa – não se deveria negligenciar a questão do antissemitismo: o problema estrutural do antissemitismo já grassava na Europa há algumas décadas. Burrin sublinha que uma nova geração de historiadores abordou os fenômenos conexos do antissemitismo e do III Reich de uma forma bem mais problemática, e ao mesmo tempo mais fecunda em termos de chave mais eficiente de compreensão geral dos acontecimentos. Para os novos historiadores, Hitler e o III Reich não foram movidos desde o princípio pela dupla estratégia de uma expansão territorial e do antissemitismo traduzido no extermínio dos judeus; esses historiadores começaram a pensar o regime de Hitler como uma espécie de “*anarquia autoritária*”: no qual, não obstante a invenção da eficiente e demolidora propaganda nazista (que fornecia ao regime um certo ar monolítico e coeso) começou-se a pensar a *entourage* de Hitler, isto é, seu corpo político, como um “poder que perdia-se e exacerbava-se num emaranhado de forças rivais...que estava estruturalmente fadada a divagar e improvisar”<sup>19</sup> – mas que tal emaranhado, esse grupo anárquico, de um modo ou de outro *sempre se fixaria nessa figura central e populista de Adolf Hitler e, portanto, em suas idiosincrasias*, uma das quais o antissemitismo, como um ódio visceral e formador de sua personalidade. Ódio que nunca arrefeceu (ao contrário, aumentava a cada dia) e que comandou, **na anarquia**, o seu desejo de destinação mortífera para a etnia. Parece que o mesmo acontece com o atual messias brasileiro e sua *entourage*, todos eleitos em sua esteira e improvisando o que chamam de “administração”. Se realmente houvesse uma política definitiva nesse duplo objetivo,

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.140.

<sup>19</sup> BURRIN, P. *Hitler e os judeus*. Porto Alegre: L&PM, 1991, p.8.

como se pensa tradicionalmente – de expansão territorial e extermínio dos judeus – a Guerra teria sido menos complexa e o extermínio dos judeus teria sido percebido muito antes – e não no começo do fim da guerra, quando da libertação dos campos. Assim, a batalha contra os judeus não foi o cumprimento de um programa, segundo Burrin, mas um processo de perseguição que se radicalizou de tal maneira que suas atrocidades ultrapassaram todos os limites do humano. É sabido que, na época, entre as populações, crescia – partilhada pelo fervor fanático por Hitler (que era um verdadeiro herdeiro destas concepções que circulavam então por toda a Europa) – a crença de que haveria um *complô judaico* contra as nações europeias, especialmente a Alemanha, e de que os judeus usavam armas notáveis para enfraquecer o país. Segundo Burrin havia uma crença generalizada de que “a ideologia das Luzes, o pacifismo e a democracia apenas serviam para enfraquecer a vontade nacional dos povos cujas energias [os judeus] sugavam como parasitas”. Para Hitler, os judeus eram o centro nevrálgico do “problema”, já que eles mesmos eram incapazes de formar um Estado nacional; assim, segundo o historiador, na crença da população em geral,

seus instrumentos mais eficazes eram o capital financeiro e a agitação marxista: graças ao primeiro eles internacionalizavam as economias submetendo-as à sua influência, e com o segundo dividiam os povos fazendo-os voltar contra si mesmos e condenando-os a uma guerra intestina que aniquilava sua capacidade de resistência. De um modo ou de outro, eles eram os inimigos da verdadeira independência nacional.<sup>20</sup>

Na concepção de Hitler, o povo judeu se insurgia contra a “ordem” do mundo, e se tratava então de uma questão para qual era necessária uma “defesa”: *sua luta* era uma luta puramente defensiva contra um inimigo que trabalhava por dentro da sociedade alemã ariana. Assim, todas as medidas tomadas contra os judeus na Alemanha nazista eram justificadas pela *defesa* da sociedade alemã, por uma aparente erradicação de uma *ameaça mortal* que tal povo, ou que essa etnia, significava para o país e para os cidadãos – e, finalmente, também, para a prevenção de todos os males para os quais a culpa era também atribuída peremptoriamente a estes cidadãos. Em um de seus discursos nos anos 30 Hitler chegara mesmo a afirmar, segundo Burrin, que “*mesmo que tivermos expulsado os judeus da Alemanha, eles sempre continuarão sendo nosso inimigo mundial*”.<sup>21</sup> – de forma que a etnia era um *problema* que ultrapassava as fronteiras nacionais para grande parte da população da Alemanha nazista.

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 27.

Voltando a Palestina. Jonas, então, deu entrada na papelada para emigrar para o país, algo ainda possível na Alemanha Nacional Socialista do início do Regime. Mas antes de emigrar, permaneceu um ano e meio em Londres, porque queria ficar próximo à Alemanha por conta da publicação de sua tese por uma editora em Göttingen: poderia fazer – como sempre fez por via postal – as correções e supervisão da edição de seu livro de modo mais tranquilo. Foi num dia de verão, no final de agosto, que partiu da Alemanha. Nesse dia, passeando com seus pais no jardim, narra que “foi a última vez que estivemos juntos” (não obstante, seus pais o visitariam na palestina em 1936 – não esqueçamos de que a família de Jonas era rica). Com tudo pronto para a emigração, bilhete do trem na mão, Jonas conta que se puseram os três chorar; foi ali que Jonas fez um juramento, sagrado nas suas palavras: “uma promessa: não regressar jamais, a não ser como soldado de um exército invasor”<sup>22</sup>.

Jonas recorda-se que, instintivamente, pensava que somente pegando em armas poderia redimir as humilhações crescentes que os judeus sofriam na Alemanha de então. Mas também havia, segundo ele, “uma compreensão, ou uma suspeita mais gerais de que também para o mundo, para Alemanha e para a Europa, tal peste só poderia ser expulsa mediante uma guerra”<sup>23</sup>. Ele era daqueles que aguardavam a guerra com impaciência.

Seu pai morreu doente, de um câncer que lhe acompanhava já alguns anos, em 1938. Em seguida, seu irmão menor que vivia no exterior voltou para casa: mas na *Noite dos Cristais*, um *progrom* que se deu na Alemanha na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, foi preso e deportado em seguida para Dachau; na sequência, a mãe de Jonas, sozinha (mas tendo um visto de emigração e tudo pronto no porto de Hamburgo para partir) não quis embarcar para a Palestina, sabendo que seu filho detido não tinha permissão de sair do país. A mãe de Jonas pediu-lhe então que, via governo mandatário na Palestina, trocasse o nome de seu visto pelo do filho, o que Jonas fez: seu irmão conseguiria chegar a Jerusalém em janeiro de 1939, mas sua mãe não conseguiria mais sair do país, não somente pelas dificuldades burocráticas, mas também pelo fato de que os Jonas tinham dispendido todo o dinheiro da família no trâmite do irmão. Rosa Jonas acabou morrendo mais tarde em Auschwitz, na Polônia, e a última notícia antes de 1945 era de que estava em um gueto de Lodz. A respeito do destino de sua mãe,

---

<sup>22</sup> JONAS, H. *Memórias*, p. 142.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 142.

Jonas diz: “Sim, é uma história obscura, o grande pesar da minha existência. Esta ferida, o destino de minha mãe, jamais se fechou. Nunca pude superar. Meus filhos viram. Era terrível.”<sup>24</sup>

À sua ida para a Palestina foi posterior à leitura de seu livro sobre a Gnose por vários intelectuais que já lecionavam na nascente Universidade Hebraica de Jerusalém, onde recebera então, igualmente, palavras de admiração de três importantes membros da intelectualidade judaica: Oswald Spengler, Gershom Scholem e o famosíssimo Martin Buber, que da Palestina lhe escrevera, antes de sua chegada, comentando que havia lido seu livro com muito interesse: “*o considero um dos livros da história do espírito mais importantes da época*”<sup>25</sup>. Foi com pouca dificuldade então que se adaptou a comunidade dos intelectuais em Jerusalém no final da década de 30, quando de sua emigração. No entanto, para Jonas foi uma grande dificuldade dar classes sobre seus temas – que eram sobretudo filosóficos e profundos – em hebreu. Segundo ele, isso lhe dificultava enormemente a vida, pois levava semanas para preparar classes magistrais, principalmente ao vertê-las para o hebraico.

Não obstante conseguir adaptar-se bem a Jerusalém (havia conseguido um posto na Universidade, fizera um bom círculo de amigos, e sendo barata a vida na Palestina vivia com certo conforto na cidade), Jonas já em 1936 entra para um grupo paramilitar chamado *Hagana*, grupo ilegal armado de autodefesa contra as primeiras incursões árabes opostas a emigração judia nos assentamentos e *Kibbutzes*. Jonas conta que só podiam usar armas “leves”, que pudessem ser levadas no corpo, como revólveres e granadas. Participou por anos neste trabalho, que consistia muito em vigias noturnas no campo, hora em que os árabes costumavam atacar: era senso comum entre a florescente comunidade judia da Palestina que o trabalho no campo e nos assentamentos era mais importante que quaisquer atividades na cidade.

Ainda que estivesse sendo treinado como uma espécie de soldado, de forma ilegal, a maior percepção de Jonas, através da leitura dos acontecimentos na Europa e, especialmente, da Alemanha hitlerista do final dos anos 30, era a de que uma guerra iria estourar para além dos distúrbios em seu novo país: e que essa guerra se faria sentir nas comunidades judaicas da Europa e também da Palestina, colocando-as em *perigo* – segundo termo do próprio Jonas.

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.150.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 161.

## O ambiente da II Guerra Mundial

Assim, Jonas, logo após a declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha em 1939 escreve um artigo chamado *Nossa participação nesta guerra: uma palavra dirigida aos homens judeus*, em que insta a população judaica a não deixar que sua sobrevivência dependesse apenas dos esforços e *mortos alheios*, e que era mister que houvesse uma participação efetiva de todos: para Jonas, aquela guerra era a *sua* guerra, *era uma guerra também do povo judeu*. Para Jonas, a Palestina era um lugar que não somente não estava a salvo de Hitler, como também deveria ser um lugar de onde se poderia empreender uma luta. A iniciativa da participação judaica nos esforços bélicos da II Guerra muito se deve a Jonas, que fez dedicados esforços neste sentido, tanto com os ingleses, sob cujo protetorado estava a Palestina, como a *Jewish Agency*, que atuava como interlocutora do sionismo internacional (mas que hesitava em relação a uma força judaica no front europeu por medo dos ataques árabes, que então já eram comuns: consideravam a presença judaica ali mais necessária). Jonas foi o único desejoso literalmente, como veremos adiante, de se “alistar” nessa empreitada que tivera a sua assinatura, mas que, momentaneamente, parara na burocracia e nos ouvidos surdos da Inglaterra, da França e da *Jewish Agency*. Depois da derrota da França, porém, a agência e o governo inglês autorizaram a criação de unidades palestinas e Jonas, aos 37 anos, alistou-se na *First Palestine Anti-Aircraft Battery*.

Primeiro, o filósofo então tornado soldado, ficaria estacionado na Palestina para defender as refinarias de petróleo de Haifa; em seguida faria o mesmo trabalho em Chipre – pois as ações vitoriosas da Alemanha no norte da África punham em risco a navegação no mediterrâneo. (Jonas conta que, em Chipre, se pôs a aprender o grego moderno, mas que causava comoção entre a população ao recitar Homero em grego arcaico). A impaciência de estar longe do centro da guerra foi diminuída pelo reconhecimento de Churchill, em oposição aos seus generais, da causa dos judeus da Palestina, permitindo que estes combatentes voluntários dispersados se reunissem finalmente, em setembro de 1944, na *Jewish Brigade Group*, com direito inclusive a uma insígnia azul e branca com a estrela de Davi dourada. Isso possibilitou uma grande afluência de soldados judeus da *Commonwealth*: da África do Sul, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Assim, a brigada Palestina transformou-se em uma brigada internacional, segundo Jonas, uma “*Brigada realmente judia*”. A formação dessa

Brigada, segundo Jonas entre 10 a 12 mil homens, afinal, ensejou a oportunidade de serem mandados para o centro da guerra durante a invasão da Europa: em 1944, Jonas chegou ao sul da Itália como especialista em artilharia antiaérea automática.

Nesse percurso na Itália, Jonas conta que inúmeros judeus italianos saíam de seus esconderijos em Tarento ao saber da chegada de uma tropa judia. Jonas relata então que eles e seus companheiros começaram a “ouvir” paulatinamente o que Jonas chama de “coisas cada vez mais terríveis”<sup>26</sup>, isto é: todos sabiam das deportações em massa dos judeus, sabiam igualmente dos guetos e dos campos de concentração, mas desconheciam por completo (em setembro de 1944) qualquer notícia a respeito das câmaras de gás. Ao contrário de muitas outras populações da Europa, Jonas sublinha que os italianos se distinguiram pela rebeldia, e muito ajudaram os judeus italianos. Para Jonas “o amor que sentia pela Itália se converteu então em amor pelos italianos”, afirmando que se o “fascismo, ao fim e ao cabo, é uma invenção Italiana, este não havia conseguido em absoluto que a população se deixasse enganar acerca dos deveres para com o próximo.”<sup>27</sup> Na Itália, Jonas participou da Batalha de *Senio*, em 29 de abril de 1945, em que liberaram Bolonha. Dali, seguiu para a Alemanha.

### **O ambiente da Alemanha destruída**

A Brigada Judaica seguiu para a Alemanha desde Udine e, ao final de maio de 1945, chegaram em *Garmisch-Partenkirchen*, na Alta Baviera. Segundo Jonas, havia nestas cercanias, em *Landsberg*, um campo de concentração que havia sido liberado pelos americanos, e que foi ali *o primeiro encontro dos liberados com uma tropa judaica*; um encontro, segundo Jonas terrível: pela primeira vez os combatentes judeus se confrontaram com a realidade do horror da guerra; escutavam, pela primeira vez, de judeus poloneses (de fala *yiddish*), os nomes de *Auschwitz* e *Treblinka*. Nesta jornada Jonas confessa: “...entrando na Alemanha, vi muitos lugares que se assemelhavam a cidades fantasmas, sobretudo Kassel, que recordava uma paisagem lunar, cheia de crateras com ruínas que sobressaiam. Neste momento senti algo que não gostaria de voltar a viver, mas que não calarei: o sentimento de júbilo, satisfeito ou semi-satisfeito da vingança”.<sup>28</sup> Durante anos foi a melhor recordação do filósofo, para sua comoção.

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 226.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 227.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 234.

Mas sua Brigada continuou o trabalho e assim, da Alemanha, deslocaram-se para a França, Bélgica e Holanda, tendo como última parada uma cidade perto da fronteira com a Alemanha, a 20 quilômetros de sua cidade natal, Mönchengladbach, a cidade de Venlo (aonde ia de bicicleta na infância comprar doces holandeses). Em junho, um mês e meio depois da capitulação do III Reich, Jonas visitou sua cidade natal – e só voltou a Palestina em novembro de 1945, quando foi desmobilizado de Venlo. A propósito, estavam estacionados na Holanda porque o exército inglês não queria a brigada judaica na Alemanha: pois muitos soldados faziam incursões para matar alemães durante a noite; inclusive muitos deles, conta Jonas, se uniram a sobreviventes do Holocausto e criaram esquadrões de assassinato, conhecidos como *Nakam*, com o objetivo de rastrear e matar ex-oficiais da SS e oficiais das forças armadas alemãs que haviam participado das atrocidades contra os judeus europeus (*o filme “Bastardos”, do cineasta americano Quentin Tarantino, tem como inspiração esses grupos*). Os uniformes britânicos, a documentação militar, o equipamento e os veículos usados pelos veteranos da Brigada Judaica contribuíram muito para o sucesso dos *Nakam*, e o número de nazistas assassinados é desconhecido, mas pode ter chegado a 1.500 (não apenas de alemães nazistas, mas também de judeus que nos campos de concentração haviam se transformados em “*capos*”).

Jonas relata inclusive ter escutado o nome de um conhecido, de uma família judia de sua cidade natal a quem juravam vingança – efetivamente este homem, cujo nome era Paul Raffaelson – e que fora jardineiro do pai de Jonas em 1937 – foi posteriormente executado quando se provou sua culpa por conduta de extrema brutalidade no campo a que pertencera.

### **Regresso ao ambiente materno**

Então, após nove meses como soldado em solo europeu, quando a barbárie já tomara conta da Europa, tendo atravessado em comboio a Itália em direção a Alemanha, como chefe de artilharia antiaérea e na companhia de 12 mil judeus, e ao final vencendo aqueles que uma vez jurara derrotar, Jonas chega finalmente a sua cidade natal a procura de sua mãe. Chegando ao centro judaico em Mönchengladbach, encontrou uma conhecida que havia sido presa junto com sua mãe no gueto de Lodz. Ela sobrevivera junto com sua filha porque eram jovens o bastante para trabalhar e para servir de escravas sexuais dos nazistas. Foi essa mulher quem testemunhou para Jonas a

deportação de Rosa Jonas para Auschwitz. Assim, ele compreendeu seu destino trágico. Mas a maioria das pessoas que encontrou na Alemanha pós-guerra, em diversas cidades e na sua própria, inclusive o novo proprietário da casa de seus pais, não acreditava no ocorrido nos campos. Foram poucos aqueles em que Jonas disse reconhecer hombridade. Entre eles, seu amigo e pintor cristão Kurt Beyerlein, que numa carta sobre a destruição do país escrevera: “um povo que permitiu que arrasassem as igrejas dos judeus, não merece conservar as suas próprias”, e que “as ideologias diabólicas e mentirosas ainda tem uma eficácia demasiado grande, e dão ao homem a sensação de ser levado por forças positivas”<sup>29</sup>. À irmã deste pintor, que era uma senhora que havia confortado a mãe de Jonas na noite anterior à sua deportação à Auschwitz, disse Jonas ao saber do relato deste trágico momento: “Isso não poderei perdoar jamais ao povo alemão”.

### **Referências bibliográficas**

BURRIN, P. *Hitler e os judeus*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

JASPERS, K. *Jaspers, témoin de son temps, la situation spirituelle à la fin de la République de Weimar*. Org. Gilbert Merlio. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1986.

JONAS, H. *Memorias*. Buenos Aires: Losada, 2005.

\_\_\_\_\_. Nossa participação nesta guerra: uma voz dirigida aos homens judeus. In: *Memorias*. Buenos Aires: Losada, 2005.

KLEIN, C. *Weimar*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LÖWITH, K. *My life in Germany before and after 1933*. Chicago: University of Illinois, 1994.

MANN, T. *A montanha mágica*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Discursos contra Hitler*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARABINI, J. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

SNELL, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VULLIERME, J.L. *Espelho do Ocidente. Nazismo e a Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Difel, 2019.

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 241.

**Documentos consultados no Hans Jonas Archiv, Kontanz Universität.**

**HJ 13. 40. 38.** Carta do front para seu primo Gerald Jonas, 1941; **HJ 17. 3. 3.** Conferência “Husserl und Heidegger”, 1963 ; **HJ 13. 40. 2.** Carta de Bultmann, para Jonas sair da Alemanha, 1933; **HJ 13. 9. 2.** Documentos da Gestapo / Polícia Secreta de Düsseldorf sobre Hans Jonas e sua família, 1933-38; **HJ 13. 40. 17.** Carta da Armada Britânica em resposta ao pedido de alistamento de Jonas, 1939; **HJ 3. 2. 1.** Jornal da *New School of Social Research*, sobre polêmica na Drew University; **HJ 6. 3. 75.** Entrevista na Itália sobre Heidegger, 1991; **HJ 7. 10. 5.** Matéria no NY Times sobre a polêmica na Drew, 1964; **HJ 9. 10. 5.** Carta para Heidegger, 1972; **HJ 16. 8. 1.** Carta de Remi Bague sobre Leo Strauss;

Recebido em: Junho de 2021  
Aprovado em: Agosto de 2021